

Projeto hegemônico de democracia na revista veja

Luis Fernando Guimarães Zen

Como citar: ZEN, L. F. G. Projeto hegemônico de democracia na revista veja. *In:* DEL ROIO, M. (org.) **Trabalho, política e cultura em Gramsci: os 70 anos da morte de Gramsci.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 89-92.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2007.978-85-60810-06-2.p89-92>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Projeto hegemônico de democracia na revista veja

Luis Fernando Guimarães Zen¹

Esta pesquisa vem sendo desenvolvida junto ao programa de Mestrado em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. A proposta é questionar criticamente a revista *Veja*, buscando identificar qual era o seu posicionamento e o seu projeto frente às possíveis propostas de redemocratização do Brasil entre o final da ditadura militar em 1984 através das diretas já, até a consolidação da democracia em 1989 com a vitória do candidato à presidência da República Fernando Collor.

O período final da ditadura foi marcado por uma série de contrastes, das manifestações populares ao AI5. Essa “*crise de hegemonia*” coloca os militares contra a parede, dessa forma, obriga a elite do país a pensar uma nova forma de reorganizar o quadro político mantendo as formas de organização e da dominação elitista, disfarçada dentro da própria estrutura do Estado. Para René Dreifuss:

As camadas dirigentes e dominantes, com suas práticas excludentes e exclusivistas, em seu constante realinhamento conservador e em sua permanente convergência elitista, nem sequer criaram a ilusão geral dos interesses sociais, ou a ilusão dos interesses gerais.¹

Em *O Jogo da Direita*, publicado em 1989, ou seja, pleno período em que a democracia formal brasileira estava caminhando para a sua consolidação através da primeira eleição aberta depois do fim do regime militar, Dreifuss questiona a forma com que a democracia foi implantada no Brasil, contextualizando historicamente a formação do Estado brasileiro como um constante “*processo de realinhamento conservador*.”

Para Edmundo Fernandes Dias, “a história do capitalismo é a história da reestruturação produtiva”, dessa forma,

O capitalismo, desde o início, teve que, seguida e permanentemente, revolucionar-se sem cessar e expropriar os trabalhadores, tanto em relação aos instrumentos de produção quanto ao conhecimento e à identidade; expropriá-los na sua própria condição de existência enquanto classe.²

Se entendermos a redemocratização do país na década de 1980 como reorganização das formas de dominação da burguesia, podemos compreender o porquê da democracia ser tão

¹ Mestrando em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Linha de Pesquisa Estado e Poder. Email: lfgzen@hotmail.com

¹ DREIFUSS, René Armand. *O Jogo da Direita*. Petrópolis, Vozes, 1989.

² DIAS, Edmundo Fernandes. “Reestruturação Produtiva”: forma atual da luta de classes. In: *Outubro - Revista do Instituto de Estudos Socialistas*. São Paulo, 1998.

difundida atualmente, assim, não se *revoluciona constantemente* somente as formas de produção, também se *revolucionam constantemente* as formas de dominação,

O Estado foi sempre privatizado. Ele potencializa e garante a expansão máxima da classe dominante/dirigente. Para sua maior eficácia o Estado capitalista tem, necessariamente, que aparecer como social, como articulador do conjunto da sociedade, como resumo qualificado do todo social. Tentou-se, sempre, restringir as formas associativas das classes subalternas, seja no plano sindical, seja em outros elementos de sua organicidade, pela sua integração e subalternidade à lei do capital.³

Se o Estado teve que se readequar cedendo às manifestações populares, quais foram as formas de se reestruturar e manter a dominação das elites? A partir daí podemos pensar a democracia como a melhor forma da burguesia nacional de reorganizar o quadro político do país. É nessa perspectiva que a revista *Veja* deve ser analisada, buscando entender qual foi o papel desempenhado pela revista na formação de um projeto *hegemônico* e a sua função enquanto *aparelho privado de hegemonia*.

Para Sônia Regina de Mendonça,

O que é peculiar ao Estado contemporâneo, o qual, por sua vez, deve ser pensado como uma relação social em si mesmo, é que ele guarda um *espaço de consenso* e não só de violência, sendo o consenso – ou consentimento- obtido, para Gramsci, através dos *aparelhos privados de hegemonia*, bem como através da *ação do Estado restrito*, que busca promover e generalizar a visão da fração de classes hegemônicas.⁴ [grifos da autora]

Dreifuss pontua uma série de entidades e organizações vinculadas a uma série de empresários reunidos sob a sigla UB (União Brasileira de Empresários), organização idealizada e dirigida por Antonio Oliveira Santos e Antonio Ermírio de Moraes. Esses empresários queriam um "capitalismo moderno e pela livre iniciativa" contestando a recusa do governo em negociar com o FMI e a "excessiva intervenção do governo no mercado interno."

Ele aponta ainda a formação de uma série de outras entidades organizadas sob as mais diversas siglas, Febraban, CNF, AEB, UDR, CNI, CNA, CNC. Essas são organizações da burguesia que juntamente com os partidos políticos e os meios de comunicação formam uma grande rede de informação e propagação de seus projetos.

Daí, a construção de um projeto de democracia que partisse dessa perspectiva e proposto por esses grupos de empresários dificilmente partiria uma proposta de democracia que pudesse atender os anseios populares.

A historiadora estadunidense Ellen Meiksins Wood, é autora do livro: *DEMOCRACIA CONTRA CAPITALISMO* a renovação do materialismo histórico. Neste livro, Wood parte da premissa de que o capitalismo é na sua essência, incompatível com a democracia. "Um capitalismo humano, 'social' e equitativo seria mais irreal e utópico de que o socialismo".

A proposta de uma democracia efetiva, que atendesse os anseios da sociedade é uma idéia que fica apenas na proposta, "nas democracias modernas, em que a comunidade cívica une

³ Idem.

⁴ MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado e Poder*, In: MATTOS, Marcelo B. (org). *História Pensar e Fazer*. Niterói, LDH, 1999.

os dois extremos da desigualdade social e de interesses conflitantes, o 'bem comum' partilhado pelos cidadãos passa a ser uma noção muito mais tênue e abstrata.⁵" Ela comenta ainda sobre a falsa idéia de uma cidadania democrática,

O que talvez não seja tão evidente são os princípios antidemocráticos contidos na idéia de cidadania democrática (...). Os criadores da constituição se engajaram na primeira experiência de criação de um conjunto de instituições políticas que corporificam, e simultaneamente limitariam, o poder popular, num contexto em que já não era possível manter um corpo exclusivo de cidadãos. Onde já não existia a opção de uma cidadania ativa, mas excludente, teria sido necessário criar um corpo de cidadãos inclusivo, porém passivo, cujos poderes tivessem alcance limitado.⁶

Com o fim do regime militar, abriu-se caminho para a transição à democracia. Para os militares não bastava passar o poder para as mãos da sociedade civil, era necessário passar o poder para "mãos confiáveis". Para o cientista social Francisco C. Weffort, existiam inicialmente duas propostas que estavam muito ligadas ao "atual" regime, "dessa forma, os militares sairiam do poder deixando-o em mãos confiáveis?"

Weffort escreveu em 1984 uma obra intitulada *Por que Democracia?* Ele fala ainda que seu livro poderia se chamar *Por que não Revolução?* Nesse livro o autor questiona os projetos de democracia que estavam sendo difundidos no país, perguntando: "seria esta a democracia pela qual lutamos nos últimos dez anos? Seria esta a luz que todos esperávamos no fim do túnel?"⁷

O autor diz que haviam poucas alternativas de saída para o fim da ditadura e início da abertura política. Ele aponta que de um lado, havia "a candidatura de Paulo Maluf, do PDS, representante de uma nova direita, civil e burguesa, com tons acentuados de direita fascista." Do outro lado está "uma proposta liberal, de marca acentuadamente conservadora, a figura de Tancredo Neves, representando o PMDB moderado e as dissidências do PDS agrupados na Frente Liberal."⁸

Francisco W. aponta pelo menos três dissidências dentro dessa própria direita, vale lembrar que ele participa da fundação do PT que surge talvez como a principal (mas não a única) frente de esquerda, mas, que naquele momento não disputaria o poder. Talvez por isso que ele questionasse "Por que não Revolução?"

Se essa foi a forma encontrada pela burguesia de se reestruturar e manter suas formas de dominação, significa dizer que essa mesma burguesia criaria novas formas de manterem sua *hegemonia* e assim se manter no poder. A prova disso é bem visível até mesmo na revista *Veja*, é só analisar o período em que os militares estiveram no controle da nação e ver quem

⁵ WOOD, Ellen M. *Democracia Contra o Capitalismo: a renovação do materialismo histórico*. São Paulo, Boitempo, 2003.

⁶ *Idem*.

⁷ WEFFORT, Francisco C. *Porque Democracia*. Brasiliense, 1984

⁸ *Idem*.

⁹ *Idem*.

eram os políticos que estavam no comando e compara-los com os defensores da então “nova democracia” representativa.

Essa pesquisa está em fase inicial. O objetivo é mostrar como a revista Veja se utilizou de sua capacidade de organização para defender a democracia e quais eram os projetos de democracia que podem ser identificados na revista. Essa pesquisa buscará investigar o período que vai do final da ditadura militar em 1985 até as eleições presidenciais de 1989.